APRENDIZAGEM EXPERIENCIAL NA EDUCAÇÃO DE PESSOAS IDOSAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UMA OFICINA COM O INVENTÁRIO DE KOLB

Ana Claudia Carvalho Teixeira Mattos[1]
Sheila da Silva Ferreira Arantes [2]

INTRODUÇÃO

A promulgação da Lei nº 10.741/2003, conhecida como o Estatuto da Pessoa Idosa, representou um marco jurídico e social no Brasil. Essa legislação consolidou a busca por condições mais equitativas para a população idosa e, como destacam Justo e Rozendo (2010), tornou-se um ponto de virada na história do envelhecimento no país, redefinindo o papel social do idoso e os espaços a ele destinados. A relevância em aprofundar esse debate é urgente, pois, conforme ressalta Capucho (2017), o veloz envelhecimento da população exige a criação de marcos legais e políticas públicas específicas capazes de acolher as singularidades da pessoa idosa, bem como a construção de espaços pedagógicos que favoreçam a participação, a autonomia e a valorização dos saberes constituídos nas diferentes trajetórias dos sujeitos (Freire, 1996). A partir dessa perspectiva, a educação de pessoas idosas ultrapassa a dimensão da escolarização e assume uma função sociocultural-formativa, ao possibilitar a continuidade do desenvolvimento humano e a ampliação das possibilidades de participação na sociedade.

A Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) e, a Política Nacional do Idoso, instituída pela lei nº 8842/1994 abre parentes Brasil, 1994 fecha parentes, e o estatuto da pessoa idosa, estabelecido pela Lei nº 10.741/2003 e atualizado pela lei nº 14.423/ 2022 (Brasil,2022), constituem importantes marcos para garantia dos direitos dessa população no Brasil. Esses dispositivos fortalecem o reconhecimento da pessoa idosa como um sujeito de direitos e participante ativo da vida social. Na educação, essa visão confirma que o ato de aprender não se limita à infância e à juventude, já que se trata de um processo permanente que acompanha o indivíduo por toda a vida, integrando saberes, vivências e novas formas de participação social.

[1] Doutoranda em Novas Tecnologias Digitais na Educaçao pela UniCarioca - RJ, doutoranactxmattos@gmail.com;
[2] Professora orientadora: Doutora em Ciências da Computação pela UFRJ/RJ. Docente do Programa Doutorado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação da UniCarioca (DPNTDE) - RJ, sheila@csaber.com.br.

Barros *et al*. (2021) destacam que a educação na velhice pode contribuir para o desenvolvimento, a convivência, a participação social e a continuidade da formação humana. Nessa direção, os saberes construídos ao longo da vida surgem como referências importantes para a elaboração de novos conhecimentos. Tal compreensão requer a adoção de práticas pedagógicas que considerem, para além dos conteúdos escolares, as experiências, os interesses, os ritmos e as diferentes maneiras pelas quais os estudantes se relacionam com o conhecimento e atribuem significado às situações educativas.

A Escola Municipal de Idosos Vereador Paulo Maurício Duarte de Carvalho, localizada no município de Maricá/RJ, configura-se como um espaço educativo no qual escolarização, convivência, cultura e cidadania se articulam. Nesse contexto, torna-se pertinente o desenvolvimento de propostas que reconheçam as trajetórias dos estudantes e criem oportunidades para que reflitam sobre seus próprios processos de aprendizagem, fortalecendo o protagonismo e a participação nas experiências educativas.

Essa perspectiva dialoga com a teoria da aprendizagem experiencial de Kolb (1984), segundo a qual o conhecimento resulta da transformação da experiência. Nessa abordagem, a aprendizagem envolve um movimento contínuo entre aquilo que é vivenciado, a reflexão sobre a experiência, a elaboração conceitual e a experimentação de novas possibilidades de ação. Por isso, o ciclo de aprendizagem experiencial organiza-se em quatro dimensões inter-relacionadas (Kolb, 1984): experiência concreta, observação reflexiva, conceituação abstrata e experimentação ativa. A primeira corresponde ao envolvimento com determinada situação; a segunda envolve a análise e a atribuição de significados ao que foi vivenciado; a terceira refere-se à organização das ideias e à elaboração de explicações; e a quarta relaciona-se à aplicação dos conhecimentos construídos em novas situações.

A articulação dessas dimensões fundamenta os quatro estilos clássicos de aprendizagem propostos por Kolb: divergente, assimilador, convergente e acomodador. O estilo divergente combina experiência concreta e observação reflexiva, relacionando-se à consideração de diferentes perspectivas diante de uma situação. O assimilador articula observação reflexiva e conceituação abstrata, aproximando-se da organização lógica de informações e da elaboração de explicações. O convergente associa conceituação abstrata com experimentação ativa, apresentando maior relação com a aplicação de ideias e a resolução de problemas. Já o acomodador combina a experiência concreta e a experimentação ativa, relacionando-se à aprendizagem vinculada à ação, à experimentação e à adaptação diante de situações concretas.

A utilização desses estilos, contudo, requer a adoção de uma abordagem crítica e cuidadosa, especialmente quando seus resultados são empregados para orientação das decisões

pedagógicas. Pashler *et al.* (2008) questionam a existência de evidências suficientes para sustentação de práticas pedagógicas rigidamente orientadas por estilos previamente identificados. Nessa direção, as tendências ou preferências das práticas educativas não devem ser transformadas em características engessadas dos sujeitos nem utilizadas para limitação de suas possibilidades de aprendizagem, uma vez que a própria evolução do instrumento reforça uma compreensão mais dinâmica desse processo. Kolb e Kolb (2013) ampliam a discussão sobre os estilos e destacam as diferentes combinações entre as dimensões que constituem o ciclo experiencial, enquanto Samsuri *et al.* (2024) ressaltam a evolução e a flexibilidade do instrumento em diferentes contextos educativos. Desse modo, a identificação de uma tendência predominante não deve ser interpretada como definição fixa das possibilidades de aprendizagem, que desconsidera a capacidade do sujeito de transitar por diferentes modos de aprendizagem.

Essa compreensão adquire especial significado no contexto da educação de idosos. Os estudantes que frequentam espaços educativos destinados a essa população trazem consigo repertórios de diferentes momentos de suas vidas, incluindo experiências profissionais, relações familiares, práticas culturais, vivências comunitárias e conhecimentos produzidos no cotidiano. Esses saberes não são apenas conhecimentos prévios a serem mobilizados em atividades educativas, mas fazem parte das trajetórias e identidades dos sujeitos, podendo estabelecer relações significativas com novos conhecimentos e experiências formativas.

Nessa perspectiva, a valorização das experiências dos estudantes idosos significa compreendê-los para além de uma visão centrada nas perdas ou limitações associadas ao envelhecimento. Barros *et al.* (2021) entendem que a educação na velhice pode colaborar com a continuidade da formação humana, com a participação social e com o desenvolvimento dos sujeitos. Trata-se, portanto, de se reconhecer a pessoa idosa como alguém que continua aprendendo, ressignificando suas experiências, produzindo conhecimento e participando ativamente de diferentes espaços sociais.

É nessa perspectiva que se insere a experiência aqui relatada, visto que a oficina tomou o Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb como ponto de partida para estímulo da reflexão dos participantes sobre suas próprias experiências e as maneiras de se relacionar com situações de aprendizagem. Mais do que a identificação de um estilo predominante, a proposta buscou a criação de um espaço de diálogo, autopercepção e autoconhecimento, aproximando os pressupostos da aprendizagem experiencial das trajetórias dos estudantes idosos.

Desse modo, o inventário não foi utilizado para a classificação dos participantes ou o estabelecimento de estratégias pedagógicas específicas para cada perfil. Ao contrário, os seus

resultados foram compreendidos como referências contextuais para ampliação da percepção sobre a heterogeneidade do grupo e para subsídio de reflexões acerca de práticas educativas diversificadas. Para isso, a proposta articulou diferentes experiências, formas de interação, momentos de reflexão, sistematização e atividades práticas, contemplando as múltiplas possibilidades de participação presentes no processo educativo.

A partir desse referencial, este trabalho apresenta um relato de experiência sobre uma oficina formativa realizada com estudantes idosos da referida instituição. Uma proposta que teve como objetivo favorecer a autopercepção dos participantes acerca de suas maneiras de aprender, articulando experiências pessoais, aprendizagem experiencial e uso de tecnologias digitais. Nesse sentido, a experiência parte do entendimento de que existem diferentes modos de participação e a valorização dos saberes construídos ao longo da vida pode tornar as práticas pedagógicas mais significativas na educação de pessoas idosas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O estudo relato de experiência possui abordagem qualitativa e caráter exploratório, desenvolvido a partir de uma oficina formativa realizada com 14 estudantes das IV e V fases da Escola Municipal de Idosos Vereador Paulo Maurício Duarte de Carvalho, localizada no município de Maricá, Rio de Janeiro. A proposta teve como eixo a utilização orientada do Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb, compreendido como recurso de autopercepção e de reflexão sobre diferentes maneiras de se relacionar com as situações de aprendizagem.

A oficina, intitulada “Descobrindo meu jeito de aprender com o Teste de Kolb”, foi organizada em sete momentos articulados: acolhida e apresentação da proposta; roda de conversa sobre os modos de aprender; contextualização da teoria da aprendizagem experiencial; aplicação orientada do inventário; registro dos resultados; socialização e diálogo coletivo sobre os estilos identificados; e avaliação participativa da experiência.

A organização das atividades considerou as características do público participante, priorizando uma abordagem acessível, dialógica e acolhedora. Inicialmente, foram promovidas atividades de aproximação e diálogo, nas quais os estudantes compartilharam situações do cotidiano relacionadas às experiências de aprendizagem. Em seguida, foram apresentados os fundamentos da teoria de Kolb (1984), acompanhados de exemplos próximos às vivências dos participantes. Essa contextualização antecedeu a aplicação do inventário, permitindo que os estudantes compreendessem a finalidade da atividade e o sentido das questões antes de responderem ao instrumento.

Ao longo da oficina, foram empregados recursos digitais e analógicos, incluindo slides elaborados no *Canva,* lousa digital, *Google Forms*, *QR Code* e *Mentimeter*, além de cards personalizados e folhas de apoio. A combinação desses recursos buscou a participação e o acolhimento de diferentes níveis de familiaridade dos estudantes com as tecnologias digitais.

A aplicação do Inventário de Estilos de Aprendizagem ocorreu de forma mediada, com leitura orientada dos enunciados, explicação das instruções e esclarecimento de dúvidas. Os participantes foram orientados a responder às questões considerando suas experiências e preferências diante de situações de aprendizagem. Para aqueles que apresentaram dificuldades no uso dos dispositivos digitais, foram disponibilizados equipamentos e oferecido apoio individual, de modo a evitar que eventuais limitações no uso da tecnologia surgissem como barreiras para a participação.

Embora versões mais recentes apresentem uma tipologia ampliada, a oficina adotou os quatro estilos clássicos propostos por Kolb (divergente, assimilador, convergente e acomodador) por se tratar de uma atividade introdutória voltada ao autoconhecimento e à reflexão. Os resultados foram apresentados como tendências identificadas no momento da aplicação, sem atribuir um caráter classificatório, fixo ou determinista aos estilos.

Após o preenchimento do inventário, os resultados foram sistematizados por meio de frequência absoluta e percentual. A análise também incorporou os elementos qualitativos observados durante a oficina, especialmente as interações estabelecidas na roda de conversa, as manifestações dos participantes diante dos resultados e as percepções registradas na avaliação final. Essa articulação permitiu a consideração dos dados obtidos pelo instrumento e os sentidos construídos pelos estudantes ao longo da experiência.

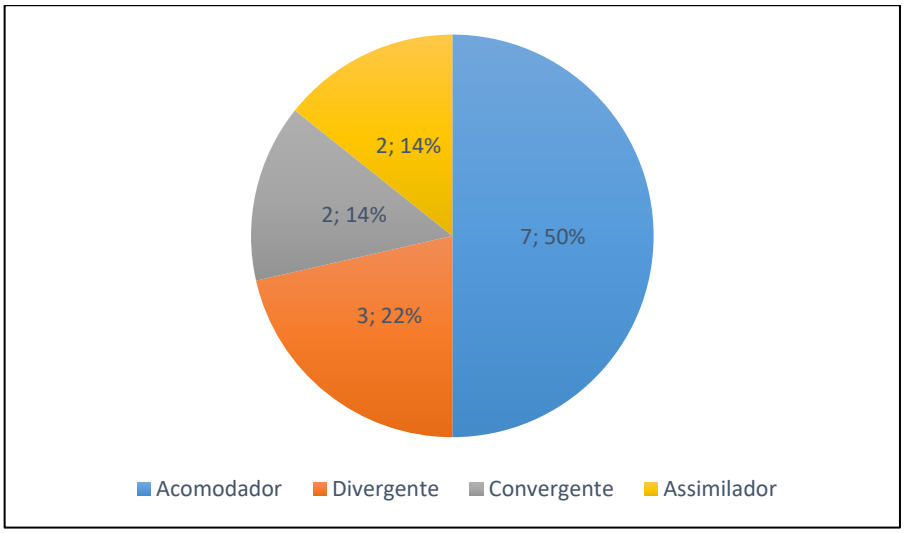
A avaliação participativa ocorreu por meio de um formulário no *Google Forms* e de uma atividade de síntese no *Mentimeter* com nuvem de palavras, organizada a partir da questão “Em uma palavra, nosso encontro de hoje”. Esses procedimentos possibilitaram o registro das percepções do grupo sobre a oficina e a complementação da análise dos resultados obtidos com o inventário.

Quanto aos aspectos éticos, os dados foram sistematizados e apresentados de forma agregada, sem o uso do nome dos participantes. Por isso, não foram utilizadas imagens pessoais nem informações que possibilitassem a sua identificação. Dessa forma, foram preservadas a privacidade dos estudantes e a natureza formativa da experiência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina com os estudantes idosos possibilitou a identificação de diferentes tendências relacionadas aos seus modos de aprender. Conforme apresentado na figura 1, dos catorze (100%) participantes, sete (50%) apresentaram predominância do estilo acomodador. O estilo divergente foi identificado em três participantes (22%), enquanto os estilos convergente e assimilador foram observados em dois participantes cada (14%). Essa distribuição evidencia a coexistência de diferentes tendências no grupo e reforça a importância de considerar a diversidade dos sujeitos nos processos educativos.

Figura 1 – Distribuição dos estilos de aprendizagem entre os 14 participantes da oficina



Fonte: Dados da experiência pedagógica (2026).

A predominância do estilo acomodador, identificado em metade dos participantes, sugere maior aproximação com situações que articulam experiência concreta e experimentação ativa. Na perspectiva de Kolb (1984), esse estilo relaciona-se à aprendizagem por meio da ação, da prática e da experimentação diante de situações concretas. No contexto da oficina, esse resultado constitui uma referência para se pensar em propostas pedagógicas que estabeleçam relações entre os conteúdos trabalhados e as situações reconhecidas pelos estudantes, sem, contudo, que se estabeleça uma correspondência direta entre o estilo identificado e determinada estratégia de ensino.

Essa constatação adquire peculiaridades quando se considera a especificidade da educação de pessoas idosas. Os participantes chegam aos espaços educativos trazendo repertórios construídos em diferentes momentos de suas vidas. Esses saberes, entretanto, não constituem apenas conhecimentos prévios a serem mobilizados em atividades escolares, mas integram as trajetórias, experiências e identidades dos sujeitos. Nessa perspectiva, a

aproximação dos conteúdos trabalhados de situações vivenciadas pelos estudantes pode trazer uma atribuição de significado às novas aprendizagens, com o estabelecimento de relações entre os conhecimentos construídos ao longo da vida e aqueles desenvolvidos no espaço educativo.

A predominância do estilo acomodador, contudo, não deve ser interpretada como indicação de que os indivíduos necessitem de aulas exclusivamente práticas ou experimentais, já que a presença dos estilos divergente, convergente e assimilador evidencia a diversidade do grupo e reforça a pertinência de propostas que mobilizem diferentes possibilidades de participação. Mais do que a adequação do ensino a um estilo previamente identificado, os resultados podem ser compreendidos como elementos que ampliam o repertório metodológico e favorecem as experiências educativas diversificadas.

Durante a oficina, situações cotidianas, como a utilização de um celular, preparação de uma receita, realização de uma atividade manual ou solução de determinado problema, foram mobilizadas como exemplos de aprendizagem. Essa estratégia contribuiu para deslocar a compreensão do que é aprender de uma perspectiva restrita ao espaço escolar para um processo que está presente em diferentes contextos da vida. A discussão também permitiu que os participantes percebessem que os conhecimentos e habilidades construídos em experiências habituais também são parte de suas trajetórias formativas.

Os estilos convergente e assimilador, identificados em dois participantes, também contribuíram para dar contornos à pluralidade do grupo. Conforme Kolb (1984), o estilo convergente articula a conceituação abstrata com a experimentação ativa, enquanto o assimilador combina observação reflexiva e conceituação abstrata. No âmbito da oficina, essa diversidade reforçou a pertinência da combinação de momentos de resolução de problemas, aplicação de conhecimentos, explicações conceituais, organização de informações, utilização de recursos visuais e sistematização das aprendizagens. Não se trata, portanto, da associação de cada estudante a uma metodologia específica, mas do reconhecimento de experiências educativas as quais articulam diferentes dimensões que ampliam o envolvimento desses estudantes.

A diversidade encontrada também esteve relacionada à própria organização da oficina, que contemplou diferentes dimensões do ciclo experiencial proposto por Kolb. O percurso teve início com a mobilização de experiências concretas dos participantes, avançou para momentos de diálogo e reflexão, incorporou a apresentação de conceitos relacionados à aprendizagem experiencial e culminou com atividades práticas de aplicação e análise dos resultados. Dessa forma, o inventário foi inserido em uma experiência formativa mais ampla, na qual teoria, experiência, reflexão e ação estiveram articuladas.

Outro aspecto relevante esteve relacionado à maneira como os estudantes receberam e interpretaram os resultados do inventário. Durante a socialização, eles foram convidados a relacionar as características apresentadas às próprias experiências, identificando aproximações e diferenças em relação às descrições dos estilos. Esse movimento deslocou o foco da classificação para a reflexão, favorecendo a autopercepção e o reconhecimento de diferentes maneiras de se relacionar com as situações de aprendizagem.

Tal dimensão assume importância na educação de pessoas idosas, pois contribui para uma compreensão do envelhecimento que não o reduz a perdas ou limitações. Ao refletirem sobre suas experiências, estratégias e capacidades, os participantes puderam se reconhecer como sujeitos que continuam aprendendo, experimentando e produzindo conhecimento. Nesse contexto, a aprendizagem não se limita apenas à aquisição de novos conhecimentos, mas envolve também a valorização dos saberes adquiridos ao longo da vida e a possibilidade de ressignificá-los diante de novas experiências.

Essa perspectiva aproxima-se da discussão apresentada por Cardoso *et al.* (2022), para quem os estilos de aprendizagem podem ser uma possibilidade de compreensão da diversidade dos estudantes, desde que não sejam tratados de maneira rígida ou determinista. A experiência relatada indica que o principal potencial do inventário esteve, portanto, menos na classificação dos participantes e mais na provocação de questionamentos sobre como cada sujeito percebe suas experiências de aprendizagem e sobre como as práticas educativas podem acolher diferentes formas de participação.

A mediação tecnológica constituiu outro elemento significativo da experiência. O uso de *QR Code*, *Google Forms*, lousa digital e *Mentimeter* ampliou a interação e a participação do público-alvo, ao mesmo tempo em que evidenciou a inclusão digital como um processo que ultrapassa o simples acesso aos dispositivos. Ela envolve também a oferta de condições pedagógicas adequadas, acompanhamento e mediação. A tecnologia, quando acompanhada de suporte adequado, amplia as possibilidades de participação; pois sem esse cuidado, ela pode se transformar em mais uma barreira para sujeitos com diferentes níveis de familiaridade com os recursos digitais. Por essa razão, a oficina adotou a inserção gradual das ferramentas e manteve o acompanhamento presencial durante as atividades, possibilitando que os estudantes explorassem os recursos com maior segurança.

A avaliação participativa, realizada por meio do *Google Forms* e de uma atividade de síntese no *Mentimeter*, reforçou o caráter formativo da proposta. A partir da questão “Em uma palavra, nosso encontro de hoje”, os participantes puderam registrar suas percepções sobre a experiência, um procedimento que não se restringiu à verificação da satisfação com a atividade,

mas pela retomada de aspectos do percurso, permitindo a relação dos resultados do inventário às experiências pessoais, bem como a expressão das impressões sobre o encontro. Desse modo, a avaliação também integrou o processo de reflexão proposto pela oficina.

Os achados dos resultados quando considerados em conjunto, indicam que a oficina constituiu um espaço de diálogo, autopercepção e reflexão sobre diferentes maneiras de se relacionar com a aprendizagem. A predominância do estilo acomodador pode ser tomada como uma referência para valorização de experiências concretas, ação e experimentação; contudo, a presença dos demais estilos evidencia que esse grupo não é homogêneo. Ao contrário, ele reúne diferentes experiências, repertórios e modos de participação que precisam ser considerados na organização das práticas educativas.

Destaca-se que a principal contribuição da experiência não está no estabelecimento de uma relação direta entre o estilo identificado e uma determinada estratégia de ensino, mas na utilização dos resultados como ponto de partida para reconhecimento e discussão da diversidade presente no grupo. O Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb assumiu, nesse contexto, uma função formativa ao estimular a autopercepção dos estudantes e a reflexão sobre suas trajetórias de aprendizagem. Para a prática pedagógica, essa experiência aponta para a adoção de propostas que articulem vivência, diálogo, reflexão, sistematização e ação, reconhecendo a pessoa idosa como sujeito ativo, plural e capaz de adquirir novos conhecimentos durante a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida possibilitou reflexões sobre diferentes maneiras de aprender na velhice, tendo como eixo a aprendizagem experiencial e a utilização orientada do Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb. Nesse percurso, a oficina constituiu-se como espaço de diálogo, autopercepção e valorização das trajetórias dos participantes, articulando experiências cotidianas, reflexão, atividades práticas e recursos tecnológicos.

A predominância do estilo acomodador, identificada em 50% dos participantes, seguida pelos estilos divergente, convergente e assimilador, evidenciou a diversidade presente no grupo. Embora essa distribuição ofereça elementos para destacar as tendências observadas no momento da aplicação, a sua interpretação não deve conduzir ações de classificação dos estudantes nem a definição de estratégias pedagógicas específicas para cada perfil. Conforme discutido ao longo do trabalho, os estilos foram vistos como referências contextuais para a reflexão sobre os processos de aprendizagem, em consonância com a abordagem crítica adotada no estudo.

Nesse sentido, a principal contribuição da experiência está no reconhecimento da heterogeneidade dos estudantes idosos e na reflexão sobre a importância da adoção de práticas pedagógicas diversificadas. A articulação entre experiências concretas, diálogo, reflexão, sistematização, resolução de situações-problema e experimentação mostrou-se coerente com uma proposta educativa que reconhece esses participantes como sujeitos que carregam conhecimentos, memórias e saberes construídos ao longo da vida.

A oficina também evidenciou a relevância da mediação pedagógica no uso de tecnologias digitais com pessoas idosas, pois recursos como *Google Forms*, *QR Code*, lousa digital e Mentimeter ampliaram as possibilidades de interação e participação, uma vez que sua utilização esteve associada ao acompanhamento individual, à leitura orientada, ao esclarecimento de dúvidas e à disponibilização de equipamentos. Essa experiência reforça, assim, que a inclusão digital não se restringe ao acesso aos dispositivos, mas depende também de condições pedagógicas que favoreçam o seu uso com autonomia e segurança.

Outro aspecto significativo foi o caráter formativo atribuído ao processo de avaliação. Ao refletirem sobre a experiência e relacionarem os resultados do inventário às situações vivenciadas ao longo de suas trajetórias, os participantes tiveram a oportunidade de reconhecer diferentes caminhos de aprendizagem e atribuir novos significados às próprias experiências. Essa dimensão contribui para uma concepção de educação na velhice que ultrapassa a transmissão de conteúdos e valoriza participação, autonomia, convivência e protagonismo.

Diante desses elementos, considera-se que a experiência alcançou o seu propósito ao utilizar o Inventário de Estilos de Aprendizagem de Kolb como disparador de conversas e reflexões sobre os processos de aprendizagem. Para além dos percentuais encontrados, o percurso formativo evidenciou a importância da criação de espaços em que as pessoas idosas possam reconhecer seus saberes, compartilhar experiências e perceber-se como sujeitos ativos na construção de novos conhecimentos.

Tal experiência sugere que propostas destinadas a pessoas idosas podem se beneficiar da integração entre situações concretas, momentos de diálogo, recursos visuais, atividades práticas, sistematização conceitual e tecnologias digitais, sempre acompanhadas de mediação adequada. Recomenda-se, contudo, que novas experiências ampliem o número de participantes e aprofundem a análise de suas percepções, para se ter maior ideia das possibilidades e dos desafios de propostas dessa natureza nos processos formativos de pessoas idosas.

Palavras-chave: Educação de pessoas idosas; Aprendizagem experiencial; Inventário de Kolb; Estilos de aprendizagem; Prática pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Registra-se o agradecimento à Escola Municipal de Idosos Vereador Paulo Maurício Duarte de Carvalho e à Rede Municipal de Maricá pelo apoio institucional, pela receptividade e por viabilizarem a realização da experiência pedagógica apresentada neste artigo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Aparecida da Silva Xavier *et al*. A educação no entardecer da vida. **Ensaio**: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 29, n. 113, p. 1115-1135, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-403620210002902496. Acesso em: 12 abr. 2026.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2026. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 maio. 2026.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília – DF 5 jan. 1994. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em: 18 maio. 2026.

BRASIL. Lei no 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa e dá outras providências. (Redação dada pela Lei nº 14.423, de 2022). **Diário Oficial da União**. Brasília – DF13 jun. 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 13 abr. 2026.

BRASIL. Lei nº 14.423, de 22 de julho de 2022. Altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, para substituir, em toda a Lei, as expressões "idoso" e "idosos" pelas expressões "pessoa idosa" e "pessoas idosas", respectivamente. **Diário Oficial da União.** Brasília – DF 25 jul. 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/l14423.htm. Acesso em: 13 abr. 2026.

CAPUCHO, Ana Maria Carvalho Castro. A efetivação do direito à educação das pessoas idosas através da educação à distância. In: CONISE - CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNISAL, 2017, Lorena. Anais [...]. Lorena: UNISAL, 2017. Disponível em: http://www.lo.unisal.br/sistemas/conise2017/anais/177_13500663_ID.pdf . Acesso 10 abr.2026

CARDOSO, Laiane Araújo *et al*. Estilos de aprendizagem: uma análise a partir da proposta de Kolb. **Revista Prática Docente**, [Confresa], v. 7, n. 1, jan/abr 2022. Disponível em: http://doi.org/10.23926/RPD.2022.v7.n1.e024.id1337. Acesso em: 8 abr. 2026.

EXPERIENCE BASED LEARNING SYSTEMS. **Kolb experiential learning profile.** c2026. 1 fotografia. Disponível em: https://learningfromexperience.com. Acesso em: 21 jun. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JUSTO, José Sterza; ROZENDO, Adriano da Silva. A velhice no Estatuto do Idoso. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 10, n. 2, p. 471-489, 2010.

KOLB, David Allen. **Experiential learning**: experience as the source of learning and development. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1984. Disponível em: https://pt.scribd.com/doc/238580035/Kolb-D-1984-Experiential-Learning-Experience-as-the-Source-of-Learning-and-Development. Acesso em: 21 jun. 2026.

PASHLER, Harold; MCDANIEL, Mark; ROHRER, Doug; BJORK, Robert. Learning styles: concepts and evidence. **Psychological Science in the Public Interest**, v. 9, n. 3, p. 105-119, dez. 2009. Disponível em: https://doi.org/10.1111/j.1539-6053.2009.01038.x. Acesso em: 8 abr. 2026.

SAMSURI, Taufik *et al*. The development of the Kolb Learning Style Inventory (KLSI): evolution, validity, flexibility and its application in education. **Path of Science**, v. 10, n. 11, p. 3070-3079, 30 nov. 2024. Disponível em: https://doi.org/10.22178/pos.111-16. Acesso em: 8 abr. 2026.